

## ENTREVISTA

# Margarete Carvalho

Entrevistadora: Debora Mariana Ribeiro <sup>1</sup>



Margarete Carvalho. Redes sociais da escritora

## Mundos possíveis a partir da perspectiva afrofuturista na literatura

A escritora e professora Margarete Carvalho reflete sobre ficção especulativa na literatura, abordando temas relevantes como processo de escrita, mercado editorial, importância da perspectiva afrofuturista para o combate às visões limitantes, no espaço escolar, em relação às questões do povo preto.

Margarete Carvalho nasceu em Salvador, Bahia. Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia

(UFBA), é professora da rede pública de ensino básico do estado da Bahia e mestranda em literatura no PPGEL/UNEB, é autora do livro *Alma Cativa*.

---

<sup>1</sup> IFSP. São Paulo, SP, Brasil. <[debmariana@yahoo.com.br](mailto:debmariana@yahoo.com.br)>

**Debora Ribeiro: *Você considera que o Afrofuturismo seja uma utopia?***

**Margarete Carvalho:** A produção afrofuturista vai de um polo a outro, vamos encontrar histórias utópicas com lugares como Wakanda na produção filmica da Marvel, *Pantera Negra* e muitas histórias distopias relatadas em contextos apocalípticos em que as pessoas negras precisam encontrar um caminho para lidar com os problemas de ordem catastróficas, como o livro de Octavia Butler intitulado *A parábola do Semeador*. Nem toda produção afrofuturista será sobre um futuro utópico, algumas serão situadas no passado como em *Kindred: laços de sangue* da mesma autora que é consagrada como a 'dama da ficção científica', inclusive *Kindred* pode ser lido como uma história de terror. Lembrando aqui que a ficção especulativa vai abranger a fantasia, a ficção científica e o terror.



O afrofuturismo nas artes é um exercício importante para que possamos nos pensar em uma outra condição diferente dessa que o racismo nos impõe. Esse exercício influencia o desejo das pessoas e amplia a capacidade de imaginar uma vida sem racismo, a sociedade de Wakanda nos mobiliza a isso, por exemplo.

Sobre essa possibilidade de pensar nossas relações em outra perspectiva, cito a conferência da filósofa Ângela Davis *How change happen?* de 2001, ela trata da consciência negra e dos avanços nos direitos civis nos EUA, pontuando que as mudanças sociais mais importantes ocorreram não por causa dos legisladores e projetos de leis, mas sim por causa da capacidade das pessoas negras se imaginarem tendo uma vida plena, de fato. Pensar como seria nossas relações sem o intermédio do racismo é uma tarefa importante, até mesmo para que a possamos entender o que exatamente desejamos. Queremos viver bem, mas o que seria viver bem? Será que sabemos responder isso fora de uma estrutura de pensamento racializada? E quando estivermos seguros dessa resposta, como saberemos que não é uma resposta manipulada pelo sistema racial? Por isso é importante exercitar o pensamento e imaginar como estaríamos agora se eliminássemos esse câncer social que é o racismo. E se o racismo nos leva para uma distopia na prática da vida real, o que devemos fazer? Dessa maneira, até as obras que se

situam no passado ou no futuro diatópico, elas também proporcionam esse exercício de buscar estratégias de sobreviver e criar meios de viver melhor.

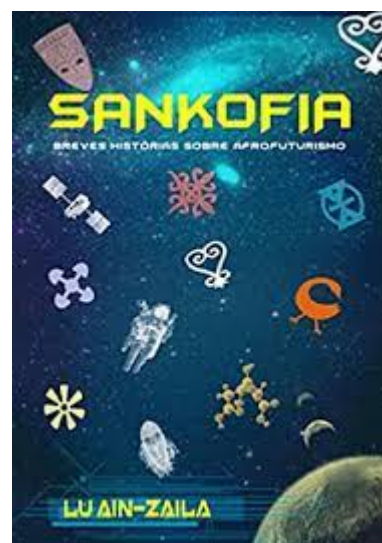
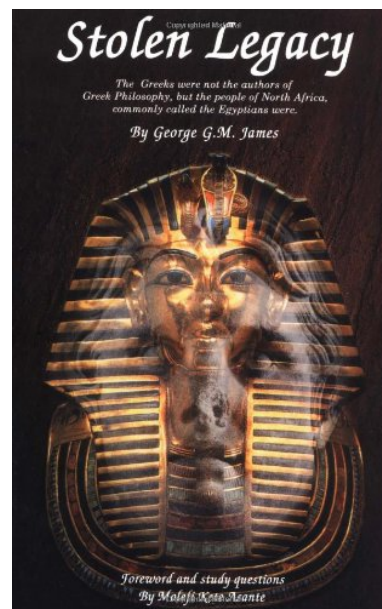
**Debora Ribeiro:** *Podemos pensar em quebra de paradigmas e um renascimento africano a partir da perspectiva Afrofuturista na literatura?*

**Margarete Carvalho:** Para responder a essa pergunta é preciso fazer um doutorado pelo menos e colocar à prova essa hipótese. Penso que para o continente africano se reerguer depois de séculos de estragos que os europeus promoveram, vai ser necessários todo tipo de quebra de paradigma em todas as áreas do saber. Observo as ideias das principais lideranças negras intelectuais e me alinho aos autores e autoras que nos chamam a atenção para rompermos principalmente com os paradigmas impostos pelos europeus e toda a branquitude.

**Debora Ribeiro:** *Qual a importância da ciência e tecnologia em sua produção literária? Em que medida podemos relacionar a ciência e tecnologia presente nas obras futuristas com o movimento Futurista europeu? Há alguma relação?*

**Margarete Carvalho:** Sou admiradora da pesquisa do historiador brasileiro Carlos Machado e da jornalista francesa Alexandra Loras que resultou no livro *História da ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente* e associar a leitura desse livro com *Stolen Legacy* escrito pelo guianense George James e os estudos do senegalês Cheikh Anta Diop, fui apresentada na vida adulta a um legado africano extremamente importante que a educação brasileira secularmente nos negou, e até mesmo sistematicamente nos impediu de ter acesso, a ponto de ter sido por décadas uma das principais demandas dos movimentos negros nacionais, tendo sido necessário instituir em lei a obrigação de se ensinar história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as instancias de ensino no Brasil. Mesmo existindo uma lei, os centros educacionais fazem vistas grossas quando a isso.

## DICAS





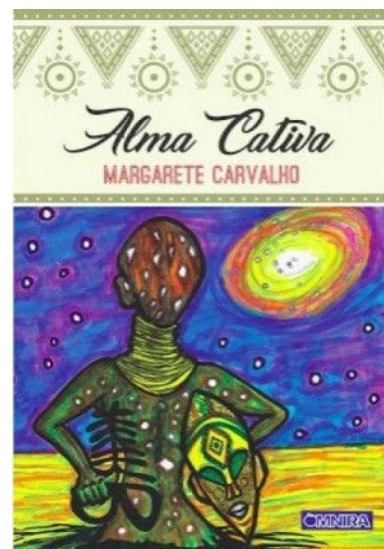
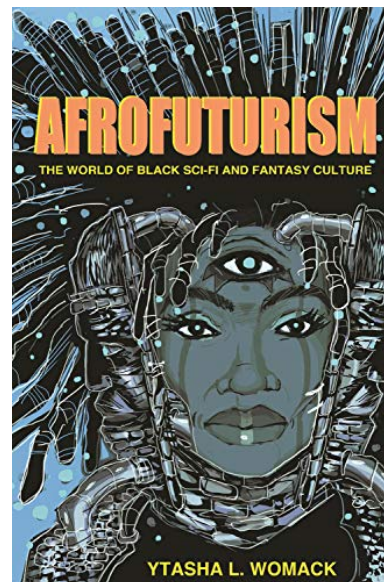
Depois que entendi o quanto que o continente africano sempre foi avançado em ciência e tecnologia e que muito da ciência que a Europa se orgulha de ter, foi em grande parte usurpada de África, assim como as milhões de pessoas que foram retiradas de lá levando seus saberes, a partir daí passei a entender o interesse que a branquitude tem de nos desumanizar e de se auto vangloriar enquanto civilização avançada. Seria impossível não abordar essas questões nas histórias literárias.

Lendo a historiadora brasileira Beatriz Nascimento, por exemplo, vamos aprender que a versão do colonizador nos livros de histórias é a de que as pessoas escravizadas não têm rosto, não tem sentimento, não tem uma memória para apresentar, não tem língua, não tem tecnologia. Sendo que, não podemos acreditar nessa figura desumanizada que o colonizador inventou. A partir dessas leituras fui despertando para o fato de que o colonizador europeu é um mentiroso, manipulador e usurpador de ideias, de corpos e de vidas. Portanto, onde for possível desmentir ele, assim faremos, seja na literatura, na ciência, nas rodas de leitura, na sala de aula e principalmente nos becos e quebradas. Quanto ao movimento futurista europeu, há de se investigar se aquilo que o europeu apresenta como futurista é ideia genuína.

**Debora Ribeiro:** *Pensando em sua prática docente, qual a importância de trabalhar essa perspectiva na escola, tendo em vista a implementação de um currículo antirracista?*

**Margarete Carvalho:** A minha formação básica e acadêmica foi marcada pela ausência de histórias negras e indígenas nos livros. Meu letramento racial se deve às músicas dos blocos afros de Salvador, narrando as histórias dos países africanos, às bibliotecas comunitárias para acessar livros físicos, às mulheres negras que me estenderam livros e me apontaram referência ao longo da minha vida, às histórias orais dentro do meio familiar, e às trocas de leituras dentro da UNEGRO, entidade na qual faço parte.

## DICAS



A escola não ofereceu a minha geração letramento racial, muito pelo contrário, era o lugar onde sofríamos racismo. Dessa maneira, como muitos professores(as) do país, estou em formação contínua para resgatar essa lacuna na minha educação formal. Com o tempo, busquei formação no Programa de Estudos em Base Africana-EBA, que é uma iniciativa de origem comunitária do quilombo do Cabula em Salvador, que se estendeu para dentro da universidade, e atualmente oferece na FAGED-UFBA, curso de extensão para professores desenvolverem um currículo antirracista.

Portanto, à medida que vou conhecendo a história afro-brasileira e me encantando com a produção de autoria negra, levo para sala de aula e percebo o mesmo encantamento nos alunos(as). Pesquisamos muitas coisas juntos(as) e vamos ampliando esse resgate ancestral. É muito revigorante resgatar nossa ancestralidade, e isso tem um efeito curativo em diversos problemas que enfrentamos de ordem social, psicológica e econômica. Levei vários livros de autoria negra para apresentar aos alunos em sala de aula, e o fato de se depararem com personagens negras sendo protagonistas, teve um efeito imediato na motivação para leitura.

À medida que vou acessando as histórias que não me foram contadas, fui entendendo o quão vulneráveis ficamos diante das armadilhas raciais distribuídas em todo nosso caminho de vida. Quando entendemos como o racismo funciona, passamos a enxergar suas armadilhas. E quando conhecemos a história dos nossos ancestrais, aprendemos a como nos livrar das armadilhas que passamos a enxergar. Não acessar essas informações é ser condenado(a) a morte, uma vez que o projeto racial brasileiro é exterminar a cor preta por completo da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AIN-ZAILA, Lu. **Sankofia**: breve histórias sobre afrofuturismo. Rio de Janeiro: edição da autora, 2018.
- BUTLER, Octavia. **Kindred**: Laços de sangue. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2017. Kindred.
- \_\_\_\_\_. **A parábola do semeador**. Semente da terra v.1. Tradução Carolina Caires Coelho. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018. Parable of the sower.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 16ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix 2008.
- Davis, Angela. **How does change happen?** Conference in the University of California, Santa Cruz, 2006. In:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Pc6RHtEbiOA&list=PL0BAAAD779DABFF84&index=3>  
Acessado em 26.04.21
- JAMES, George. **Stolen Legacy**. United States: African American Images, 2001
- MACHADO, Carlos. LORAS, Alexandra. **Gênios da Humanidade**: ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2017.
- SOUZA, Waldson. **Afrofuturismo**: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. Dissertação (mestrado em literatura). Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília. 102p. 2019.
- TODORO, Tzvetan. **Introdução a literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- WOMACK, Ytasha. **Afrofuturism**, the world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.



Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 41, Fev. 2022 – ISSN: 1983-2354  
<http://www.africaeaficanidades.com.br>

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**. Trad. Julián Fucks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.  
MATAGRANO, Bruno. TAVARES, Enéias. **Fantástico brasileiro, o insólito literário do romantismo ao fantasismo**. Curitiba: Arte e Letra, 2019.